

Suplemento Cultural

Verde que te quero vivo

THEREZA HILCAR

Assisto impávida ao assassinato a sangue frio. Da janela do meu quarto ouço o barulho da motosserra e sinto como se estivesse serrando o meu próprio corpo. Se pudesse emitir algum som – ou se pudéssemos ouvi-las – com certeza seriam gemidos de dor, um lamento de profunda indignação. Mas as árvores não podem falar. E, se pudessem, não teriam tempo. São executadas com tanta rapidez e precisão que, em segundos, seus enormes troncos rolam pelo asfalto sem dó nem piedade.

Não resisto, e falo alguma coisa certa pra pessoas erradas. Mas ninguém, aparentemente, tem culpa. Alienados, os homens encarregados da triste tarefa, apenas obedecem ordens. Lá em cima, usam fortes argumentos que nós, leigos em tecnologia e eletricidade, engolimos impotentes. Nada a fazer, portanto. A devastação vai se concretizando aos poucos, sem a menor cerimônia. E a cada dia nos deparamos com a paisagem a descoberto, completamente nua e indefesa. As calçadas e as ruas vão se transformando num verdadeiro cemitério de árvores, sem qualquer enterro mais digno.

No entanto, e sem nada a fazer, assistimos completamente inertes à cena de despedida. Os galhos balançam fortes como se dessem um aceno e, no chão, os troncos se acomodam em cima de outros como num último abraço. Ah! Se



(FOTO: LEANDRO ABREU/G1 MS)

Árvore antiga na Av. Mato Grosso, região central de Campo Grande-MS

eu pudesse ouvi-las. Com certeza fariam de seus bons tempos de vida, contariam histórias ouvidas em silêncio, até que pedissem por clemência. Quem sabe ainda fariam a promessa de não crescerem tanto, de não atrapalharem mais os fios da rede elétrica, de se portarem melhor durante as tempestades de vento.

Mas as árvores – que injustiça! – não podem falar. A elas foi dado o destino do silêncio absoluto, da subserviência plena e profunda aceitação. Nada questionam, nada pedem nem reclamam. A elas foi dada apenas a missão de doar. Dão sombras, frutos, flores, perfume, preguiça, beleza, magnitude, cumplicidade. E doam, mesmo contra

vantade, até a madeira de nossas mobílias lustradas, entre tantas outras coisas.

Tentando me conformar (ou fugir), decido fingir que nada acontece. Mas ainda sinto a ausência de suas copas na paisagem, agora totalmente aberta ao céu. Uma ausência tão sentida quanto a ausência do ser amado. Tão dolorosa quanto a perda de um amigo querido. Dizem que virão outras, mais fortes, mais vigorosas. Mas, como alguém que se ama, aquelas são únicas, insubstituíveis. E, pelo menos por enquanto, não adiantam os gestos de consolo. A dor é inevitável, inerente a essas ocasiões.

Nesses momentos não valem tapinhas nas costas, palavras de conforto, atitudes

“

Mas as árvores – que injustiça! – não podem falar. A elas foi dado o destino do silêncio absoluto, da subserviência plena e profunda aceitação. Nada questionam, nada pedem nem reclamam”

benevolentes, nada. Só as lembranças nos fazem companhia e nos reportam, com saudade, a tempos mais felizes, ainda que talvez nem soubéssemos dessa felicidade. E o mesmo tempo, por certo, se encarrega de minimizar as perdas. Mas as cicatrizes, as marcas do que se foi, não de ficar em nossa alma para sempre.

Podem nascer outras, talvez até mais bonitas. Mas nenhuma vai substituir aquelas castanheiras, ou as ingaranas, as sibipirunas... Agora só espero que deixem sossegados os oitis.

E o meu coração.

POESIAS

VARAL DE LUZ

*No quintal da existência do meu nada,
Estendi, num varal de luz, os sonhos...
E do Amor uma aura perfumada
Inundou o meu ser com sóis risonhos.*

*Mas a manhã de sonhos foi tomada
Por vendavais e temporais medonhos;
E a vida, de astros e aves enfeitada,
Virou um ermo de areais tristonhos!*

*Caí ao chão voltado para o alto,
Ouvi tenor, soprano, ouvi contralto,
E uma voz a mais grave entre as demais...*

*Era Deus, que em coral se manifesta
Em compaixão ao filho a quem só resta
A voz divina a consolar seus ais!*

GERALDO RAMON PEREIRA

SONETO

*Não maldigo esta dor que me tortura
E os desencantos que ela me causou,
Nada sou mais que simples criatura
Que a voragem do tempo desgastou!*

*Os esgares da fria sepultura
Que a milhões de existência devastou...
Só me trazem retalhos de ternura
Do meu tempo feliz que já passou!*

*Passei a vida como um passarinho!...
Livre de peias, voejando espaços,
Deixando amores pelo meu caminho!*

*Sozinho, errei. Meus erros foram meus!...
– A ninguém culpo pelos meus fracassos,
– Perdão somente pedirei a Deus!*

RUBENS DE CASTRO

E se fosse verdade?

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Quando a vi na sala de espera do aeroporto, meu coração disparou. Meus olhos atravessaram o tempo. Estava mais magra, as mãos engelhadas, mas os traços fisionômicos eram os mesmos. Como irmã gêmea da mulher da foto, que estava em minha carteira. Ou seria outra? As pessoas mudam tanto, e talvez eu começasse a delirar, vendo em cada desconhecida a imagem de minha mãe. O vestido de seda estampada era o mesmo de doze anos atrás, que usava para ir à missa.

Quis segui-la, enquanto nos encaminhávamos para o avião, mas como se percebesse meu desejo de interrogá-la, tocá-la, subiu rapidamente as escadas e sentou-se na última fileira, cabeça baixa, olhos vermelhos de quem muito chorou. Seriam verdes como os da foto, ou a cor era produto das fantasias em que, nas noites de insônia, eu lhe via no olhar, quais mistérios do mar de minhas inquietações? Ter-me-ia reconhecido? Afinal, eu tinha apenas dez anos quando ela desapareceu e nunca mais a vi nem ouvira nada a seu respeito, até o dia em que me disseram: Sua mãe morreu em Poços de Caldas. Mas ninguém morre em Poços de Caldas, muito menos uma mulher que sempre fora avessa ao sossego das cidadezinhas do interior.

No meu quarto, ainda vejo seu autorretrato a fitar-me com olhos de rebelia. “– Posso desistir de tudo, menos de minha arte, é ela que me salva da desesperança que queima de forma lenta as melhores reservas interiores. Prefiro morrer a transformar-me em matéria desintegrada.”

Impossível não recordar a intimidade que se estabeleceu entre nós: en-

quanto ela pintava, eu acompanhava o movimento das mãos muito brancas, que deslizavam o pincel na tela com a habilidade de um criador de posse de todos os seus recursos.

Numa viagem, que fizemos juntas, desabafou: – Sinto-me massacrada pela mediocridade provinciana desta cidade. Vivo sufocada, preciso de ar puro, não quero ser enterrada viva.

Apesar de ter apenas oito anos, pude sentir o labirinto de solidão em que se consumia. E que, mais tarde, passou a ser o caminho onde se perdiam meus pensamentos. Muitas vezes, quando regressava da escola, só encontrava o perfume oriental presente nos quartos vazios, nas roupas sem vida nos armários que sem ela nada significavam.

Havia uma intimidade entre nós que ia além das lições escolares, das bobagens do dia a dia, que tornavam insuportáveis as ausências cada vez mais repetidas e prolongadas.

– Fui ao médico, minha querida. Essas aplicações estão acabando comigo.

Estranhei que viessem buscá-la algumas amigas ou um rapaz bonito, que não era parente e com quem saía de braços dados.

Até o dia em que desapareceu de vez. Para trás ficaram os vestidos impregnados de um perfume que renova sensações perdidas nas veias da saudade.

Sei que convalesço de alguma doença ao deixar as lembranças queimarem-me a pele. Mas que fazer se essa é hoje minha forma de viver?

Certa vez, avistei-a de repente na escuridão de uma rua, braços dados com o rapaz bonito que vinha buscá-la para as sessões de pintura. Gritei: – Mamãe!..., e saí doida, desesperada,

para ao menos tocar-lhe a ponta do vestido, mas acordei molhada de suor, o coração aos pulos, enquanto as duas sombras se desfaziam na escuridão.

Reencontrá-la, saber de sua vida, era mais que obsessão. O silêncio dos parentes e conhecidos transformou-se em estímulo de uma busca desesperada, que envolveu a procura de papéis, de um diário, da mínima coisa que a identificasse, além das fotos e do retrato na parede. Nada encontrei. A família resolvera matar também sua memória.

Comecei a tentar descobri-la na multidão, na saúde do cinema, nos bares, hotéis e reuniões de arte. Mas a simples perspectiva de poder indagar-lhe o motivo do desaparecimento deixava-me as mãos geladas, a boca seca pelo medo antecipado da desilusão.

De repente, sonhei que estávamos juntas no aeroporto, aguardando a ida para um lugar desconhecido, só que não a encontrava, quando começaram a chamar para o embarque. Vi-me então num elevador que subia lentamente até parar diante de uma janela, por onde divisei um mar de escuro azul, de onde, ao longe, ela me acenava em desespero.

Despertei com o toque da aeromoça que me avisava da chegada. Foi de certa forma a aterrissagem de minhas angústias no vazio da aeronave.

No silêncio do avião pairava a suavidade de um perfume oriental.

Encontro frustrado. As coisas perdidas podem um dia ser recuperadas?

Misteriosos acontecimentos conspiravam contra mim.

O que realmente teria acontecido se aquela senhora fosse na verdade minha mãe? Se tivesse sido possível a abordagem? Não teria sido absolutamente terrível o fim da esperança sem saída em que se perdem meus pensamentos?

Chuva de Manga

HÉLIO SEREJO

Chuva de manga é aquela que cai, cobrindo tão somente a porção de terra que dá mais ou menos o tamanho de uma manga de fazenda. Uma chuvinha de pouca valia porque só molha aquele eito, nem sequer alcançando o arrozal ou mandiocal que estão ali mesmo, na baixada.

Chuva de manga forma-se num abrir e fechar d’olhos e cai, repentinamente, em pancadão louco, barulhenta, ou fi-

ca caindo, preguiçosamente, porém, só naquele ponto, naquele espaço, limitado que nunca dá trezentas braças de chão, no cálculo matemático do campeiro, observador.

Alguns dizem que sendo de “manga” é porcaria de chuva, chuvinha que não molha nem pelego...

Nos meandros da crendice, quando ela desce, depois de um solão de arrebrantar milho pipoca e na lua nova, pode vir praga de gafanhoto, seca braba, peste de gado e tormenta de raios.

Quem gosta, entretanto, de chuva de manga é alma-de-gato, porque ela, a chuva, assanha as lagartas de chão, que

saem para o largo, aos montões, e vão direitinho para o seu bico.

Também o besouro preto, miudinho, que é manjar de primeira para o papo de qualquer pássaro, cantador ou não.

Chuva de manga, violenta ou mansa, traz inspiração, redobrando a cantoria do sabiá, chupim, curió, pintassilgo, tangará, cardeal e rouxinol. Até andorinha cai no desespero e fica volteando no ar, doidamente, em contínuas e graciosas evoluções.

As más línguas afirmam que chuva de manga põe frescura no corpo, deixando mulher impussive de assanhada...

De Esperança e Outros Conflitos

LUCILENE MACHADO

Eu e minha esperança temos uma relação tumultuada. Não sei por que me permito. Não sei por que vivo fiando saudades num tear que não me pertence. Eu não sou Penélope e posso sim sair de mim a hora em que eu quiser. Não recebi nenhuma herança poética, nenhum verso grego foi deixado nas páginas da minha ficção. Tampouco fui amada por algum Ulisses. Minha vida é um texto comum que não quer dizer nada. Nem deslumbrante, nem original. Não é tragédia, nem comédia. A narrativa escorre lenta desde o amarelo do sol até o azul cinzento da noite. Não é uma epopeia, mas tem amor. Porque o amor é coisa dos sóis. É sentimento que nasce nos parágrafos mais insignificantes e vai se apossando das linhas, entrelinhas e até do que não foi premeditado.

Às vezes paro para me assistir. No primeiro ato, eu com minhas máscaras sutis, com meus instrumentos de sedução, minha trilha sonora, minha sede, meus desejos, minha fábrica de construir sonhos. Eu atando as linhas das palmas das mãos, costurando um destino perfeito, pulsando motivos no santuário da beleza e ouvindo o ritmo da noite embaixo do travesseiro. Não há dúvidas de que o amor é espiritual, sagrado e tem qualquer coisa de sobrenatural. Deus seja louvado, repito para mim diversas vezes.

No segundo, eu cheia de palavras desesperadas, pronunciando nomes de coisas tristes, perdidas nos ecos dos meus próprios gritos, inconformada com as migalhas que as

pessoas estão habituadas a dividir e com o pouco que elas estão habituadas a esperar. Eu com hemorragia, vendo a tinta vermelha jorrar do útero e escorrer pelas pernas. O seio inchado, a boca amarga, as veias trançadas embaixo da pele, a alma em pus. Não há dúvidas de que o amor é escatológico, inóspito, serve-se das palavras para gangrenar a verdade sagrada, além de entregar a cabeça da esperança numa bandeja para ser servida com o vinho da tristeza. Pai... afasta de mim esse cálice, repito quase sem forças.

No terceiro ato, me vejo recolhida em minha casa de caracol, resiliente, consciente de que muita coisa se perde pelo caminho nessa grande viagem que é a vida. E que tudo o que se perde não é tão importante, existem outros caminhos a serem explorados, outras possibilidades de viagens, que não vale a pena permanecer no deserto dos labirintos invisíveis e, talvez seja interessante dar teto a um pensamento novo. Puxo automaticamente a linha central de um novo poema. Deus, que agora seja para sempre.

Mas, a verdade é que já não quero viver esse ciclo vicioso. Quero sair. Como fugitiva que seja. Quero sulcar as paredes tortas dessa legalidade instaurada sobre mim. Não quero carregar esse paradoxo de benção/maldição... quero fechar as portas à minha natureza. O amor me cansa. Quero andar descalça sem cortar os pés, quero o silêncio, as flores, a alquimia das cores... quero asas para perambular, campear minha sina, e que a esperança me deixe em paz, de uma vez por todas, amém.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

Acadêmico Guimarães Rocha ministra o curso “A Arte de Ler e Escrever”. Objetivando divulgar o trabalho dos escritores Sul-Mato-Grossenses, especialmente os de nossa Academia, o escritor poeta Guimarães Rocha criou e está ministrando o curso “A Arte de Ler e Escrever”, aprovado pelo Fundo de Investimentos Culturais – FIC/

MS. O projeto abrange as cidades de Rio Negro, Glória de Dourados, Vicentina, Corguinho, Jateí, Naviraí, Sidrolândia, Nova Andradina, São Gabriel do Oeste e Porto Murtinho, com duração de dois dias em cada município, trabalhando-se com base no “amor a terra em que se nasce”, para fortalecimento da poesia e incentivo à leitura e à escrita.